



CONVERSAÇÕES ATREVIVIDAS POR MULHERES PRETAS: PISTAS PARA UMA CLÍNICA POLÍTICA FEMINISTA ANTIRRACISTA

*CONVERSACIONES ATREVIVIDAS POR MUJERES NEGRAS: PISTAS PARA
UNA CLÍNICA POLÍTICA FEMINISTA ANTIRRACISTA¹*

*CONVERSATIONS ATREVIVIDAS BY BLACK WOMEN: CLUES FOR A FEMINIST,
ANTI-RACIST, POLITICAL CLINIC²*

Míriam Cristiane ALVES³
Ademiel SANT'ANNA JUNIOR⁴
Cecília Maria Izidoro PINTO⁵

RESUMO

O presente ensaio tem como objetivo problematizar a construção de uma Clínica Política Feminista Antirracista a partir da enunciação de conversações escritas e atrevividas em oralitura por mulheres pretas amefricanas, docentes universitárias, na cena da COVID-19. Apostamos na trama, na trança, no entrelaçamento de conceitos como conversação,

¹ En respeto y por la valoración de las producciones autorales de la intelectualidad negra brasileña, los conceptos construidos en la lengua portuguesa, “*escrevivência*”, “*atrevivência*”, “*oralitura*” y “*amefricana*” no serán traducidos.

² In respect and appreciation for the copyright production of Brazilian black scholars in Portuguese, the concepts “*escrevivência*”, “*atrevivência*”, “*oralitura*” and “*amefricana*” will not be translated.

³ Doutora em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul; Professora Adjunta do curso de Psicologia da Universidade Federal de Pelotas e Professora Colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul / Brasil; olorioba.miriamalves@gmail.com

⁴ Músico, Poeta e Psicólogo; Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul / Brasil; psi.ademieljunior@gmail.com

⁵ Doutora em Enfermagem pela Universidade Federal do Rio de Janeiro; Professora Associada do Departamento de Enfermagem Médico-Cirúrgica da Universidade Federal do Rio de Janeiro / Brasil; cecilia.izidoro@gmail.com

escrevivência, atrevivência e oralitura enquanto gestos-conceitos-metodológicos tanto para a construção teórica do ensaio, quanto para inscrever pistas de uma Clínica Política Feminista Antirracista. As conversações escritas e atrevidas em oralitura partem de narrativas de duas mulheres pretas que responderam ao questionário on-line de uma pesquisa maior. Tais narrativas foram ficcionadas, friccionadas e performadas em cenas que operam na tensão entre imaginários racistas e sexistas universalizantes e na criação de novos imaginários sobre a existencialidade de mulheres pretas amefricanas, docentes universitárias. Um futuro indizível está à frente de cada mulher, no entanto, sabem que não estão sozinhas. O que é produzido no coletivo - no quilombo virtual -, reverbera na casa, no trabalho e as pessoas vão reagindo às emergências. Nas experiências da vida cotidiana, com todas as suas dúvidas, preocupações, medos, histórias, amores e afetos, mulheres pretas amefricanas transitam e em conversação transformam em palavras, em poesia, em linguagem, em ideias, em revolução seus devires. Seria esta uma pista para uma Clínica Política Feminista Antirracista?

Palavras-chave: Clínica Política; Feminista; Antirracista; Mulheres Pretas; COVID-19

RESUMEN

El presente ensayo tiene como objetivo problematizar la construcción de una Clínica Política Feminista Antirracista a partir de la enunciación de conversaciones escritas y atrevidas en oralitura por mujeres negras amefricanas, docentes universitarias, en la escena de la COVID-19. Apostamos en la trama, en la trenza, en el entrelazamiento de conceptos como conversación, escrevivência, atrevivência y oralitura mientras gestos-conceptos-metodológicos tanto para la construcción teórica del ensayo, cuanto para inscribir pistas de una Clínica Política Feminista Antirracista. Las conversaciones

escrevidas y atrevidas en oralitura parten de narrativas de dos mujeres negras que han respondido al cuestionario online de una búsqueda mayor. Tales narrativas fueran ficcionalizadas, frotadas y realizadas en escenas que operan en la tensión entre imaginarios racistas y sexistas universalizantes y en la creación de nuevos imaginarios sobre la existencialidad de mujeres negras amefricanas, docentes universitarias. Un futuro indecible está a frente de cada mujer, sin embargo, saben que no están solas. Lo que es producido en el colectivo – en el quilombo virtual -, reverbera en la casa, en el trabajo y las personas van reaccionando a las emergencias. En las experiencias de la vida cotidiana, con todas sus dudas, preocupaciones, miedos, historias, amores y afectos, mujeres negras amefricanas transitan y en conversación transforman en palabras, en poesía, en lenguaje, en ideas, en revolución sus devenires. ¿Sería esa la pista para una Clínica Política Feminista Antirracista?

Palabras clave: Clínica Política; Feminista; Antirracista; Mujeres Negras; COVID-19

ABSTRACT

This essay aims to problematize the construction of a Feminist Anti-racist Political Clinic through the enunciation of conversations that are *escrevidas* and *atrevidas* in oralitura by amefricanas black women, university professors, in the COVID-19 scene. We bet in the plot, the thread, the weaving of concepts like conversation, *escrevivência*, *atrevivência* and oralitura as methodological-conceptual-gestures so much for the theoretical construction of the essay, as to register clues for a Feminist Anti-racist Political Clinic. The *escrevidas* and *atrevidas* in oralitura conversations depart from the narratives of two black women who responded the online survey of a bigger research. Those narratives were fictionalized, rubbed, and performed in scenes that operate in the tension between racist and sexist universalizing imaginaries and in the making of new

imaginaries about the existentiality of amefricanas black women, university professors. An unspeakable future lies ahead for each woman. Nonetheless, they know they aren't alone. What is produced as a collective – in the virtual quilombo – reverberates in the house, at work, and people react to the emergencies. In the everyday life experiences, with all of its doubts, concerns, fears, histories, loves and affections, amefricanas black women transit and in conversation they transform their becoming into words, into poetry, into language, into ideas, into revolution. Would that be the clue for a Feminist Anti-racist Political Clinic?

Keywords: Political Clinic; Feminist; Anti-racist; Black Women; COVID-19

1. Campo problemático e gestos metodológicos

O presente ensaio tem como objetivo problematizar a construção de uma Clínica Política Feminista Antirracista a partir da enunciação de conversações escritas e atrevidas em oralitura por mulheres pretas amefricanas, docentes universitárias, na cena da COVID-19. A categoria da “amefricanidade” desenvolvida por Lélia Gonzalez⁶ se constitui em potência que movimenta pessoas pretas vertiginosamente para além da crueldade dos apagamentos coloniais. Ou seja, falar da categoria da amefricanidade é falar das (re)existências, (re)inscrições e (re)interpretações dos processos históricos, dinâmicos e culturais que experimentamos como sujeitas⁷ pretas que (re)existem após o sequestro transatlântico.

⁶ GONZALEZ, Lélia. A categoria político-cultural da Amefricanidade. In: GONZALEZ, Lélia. *Primavera para as rosas negras*: Lélia Gonzalez em primeira pessoa. Diáspora Africana: Editora Filhos da África. 1988/2018, pp. 321-334.

⁷ Na língua portuguesa, a palavra “sujeito” conforme nos lembra Grada Kilomba (2019), não permite variações no gênero, sendo reduzida ao gênero masculino. Assim, na perspectiva de subverter as relações de poder nela fixadas, optamos por escrever e inscrever nesse texto a palavra “*sujeita*”.

Os conceitos de “conversação”⁸, “escrevivência”⁹, “atrevivência”¹⁰ e “oralitura”¹¹ são tomados como “gestos metodológicos”¹² tanto para a construção teórica do ensaio, quanto para inscrever pistas de uma Clínica Política Feminista Antirracista. Apostamos na trama, na trança, no entrelaçamento de gestos-conceitos-metodológicos que, em fricção, performam existencialidades pretas amefricanas na diáspora. Em um processo de (re)elaboração crítica, tomamos o conceito de “fricção” de Leda Martins¹³ enquanto movimento de contato e esfregação de conceitos, vivências e memórias em narrativas do presente e do passado, que são aquecidas na e para a produção e enunciação de um devir, de um porvir. Assim, assumimos a ideia de fricção de conceitos e narrativas que operam entre as rasuras de vivências e histórias que escapam desde o sensível às memórias polifônicas de corpos¹⁴ pretas que se enunciam em conversação escrevvida e atrevvida em oralitura. Estes gestos-conceitos-metodológicos constroem pistas, trilhas, caminhos em movimento espiralar, serpenteado “[...] no infinito círculo de início, meio e início [...]”¹⁵, provocando novos imaginários sobre a existencialidade preta amefricana. O que, por sua vez, abre

⁸ hooks, bell. *Ensinando pensamento crítico: sabedoria prática*. São Paulo: Editora Elefante, 2020.

⁹ EVARISTO, Conceição. *A “escrevivência” na literatura feminina de Conceição Evaristo*. [Entrevista cedida a] Bruno Barros. 14 min. 28s. Rio de Janeiro: TV PUC-Rio, 16 Mai. 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=z8C5ONvDoU8>. Acesso em 04 de junho de 2021.

¹⁰ SANT'ANNA JUNIOR, Ademiel. Clinicar na transitividade: insurgências amefricanas descalças como relatos de experiências desde gestos – poéticas e políticas. In: ALVES, Míriam Cristiane; JESUS, Olorode Ògìyàn Kálàfó Jayro Pereira de (Orgs.). *A Matriz Africana: epistemologias e metodologias negras, descolonias e antirracistas*. Porto Alegre: Rede Unida, 2020, pp. 133-146. Disponível em: <https://editora.redeunida.org.br/project/a-matriz-africana-epistemologias-e-metodologias-negras-descoloniais-e-antirracistas/>. Acesso em 19 de setembro de 2021.

¹¹ MARTINS, Leda. *Performances da oralitura: corpo, lugar da memória*. Letras, Santa Maria, 2003, n. 26, p. 63-81. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/11881/7308>. Acesso em 16 de maio de 2021.

¹² SANT'ANNA JUNIOR, Ademiel. *Exercícios de Atrevivência*. 2021. 114 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social e Institucional) – Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021.

¹³ MARTINS, Leda. O Feminino Corpo da Negrura. *Revista de Estudos de Literatura*, Belo Horizonte, v. 4, p. 111 - 121, 1996.

¹⁴ Considerando que “a língua, por mais poética que possa ser, tem também uma dimensão política de criar, fixar e perpetuar relações de poder e de violência” (KILOMBA, 2019, p. 14), e mesmo sabendo que a palavra “corpo”, na língua portuguesa, não possui variações no gênero, optamos por inscrever e escrever “corpa”, enunciando, assim, o lugar de uma subjetividade.

¹⁵ PORTILHO, Kaká. Prefácio. In: ALVES, Míriam Cristiane; JESUS, Olorode Ògìyàn Kálàfó Jayro Pereira de (Orgs.). *A Matriz Africana: epistemologias e metodologias negras, descolonias e antirracistas*. Porto Alegre: Rede Unida, 2020, pp. 9-13. Disponível em:

encruzilhadas e novos caminhos para uma Clínica Política Feminista Antirracista. Apostamos com bell hooks¹⁶ na conversação, que é caminho por onde torna possível trilhar encontros “de pés no chão” como corpos pretas amefricanas descalças, sentindo as texturas, girando em roda, cirandando em troca, diálogos por onde saboreamos uma voz sujeita para além das supressões idealizadas pelo racismo, sexismo ou pelos separatismos operados nas classes sociais. Que corpos existem para além das supressões? Esta é a pergunta com a qual queremos conversar neste texto ao passo de bell hooks. Ela nos provoca a pensar sobre o modo como a Psicologia pode nos levar, a partir das conversações, rumo a uma aventura pelo pensamento crítico, trançando sentidos, afinal:

“Em todas as raças, classes e gêneros, todas as pessoas se envolvem em conversação. E todo mundo se lembra de uma boa conversa quando as ideias mutuamente compartilhadas incrementaram nossa compreensão [...]”¹⁷.

Será possível nos experimentarmos por meio de uma clínica política que escorregue do altar? Prossegue a autora:

“[...] o compartilhamento do humor sabedoria estimulou nossa capacidade de pensar criticamente e permitiu que nos engajássemos em uma troca dialética”¹⁸.

Diante deste atijamento provocado por bell hooks, que tal fazermos um exercício de lembrar quais encontros nos provocaram, de fato, este engajamento, levando-nos a experimentar mobilizações nos modos como pensamos e agimos? E, ainda, qual o nexo disso com uma clínica política engajada? Em uma memória narrada por bell hooks, oriunda de seus encontros com Paulo Freire, o autor lhe afirma enfaticamente que “não podemos entrar na luta como objetos para depois nos tornarmos sujeitos”¹⁹. Com isso, somos convidadas por Paulo Freire e bell hooks a fazer sobressair as experiências de cada sujeita que se encontra em conversação, como estratégia fundamental para a criação de clínicas políticas engajadas construídas em roda, com os pés no chão. E são nestes exercícios de saboreio de muitas vozes que chamamos

<<https://editora.redeunida.org.br/project/a-matriz-africana-epistemologias-e-metodologias-negras-descoloniais-e-antirracistas/>>. Acesso em: 20 de junho de 2021, p.10.

¹⁶ hooks, bell. *Ensinando pensamento crítico: sabedoria prática*. São Paulo: Editora Elefante, 2020

¹⁷ *Ibidem*, p. 82.

¹⁸ *Ibidem*.

¹⁹ *Ibidem* p. 83.

à roda Conceição Evaristo, que em suas escrevivências materializa na palavra escrita inscrições do “corpo, condição e experiência”²⁰, como experimentações literárias e literais de corpos pretos africanos que se engajam desde sua voz.

Segundo Conceição Evaristo, a palavra escrevivência nasce do jogo entre as palavras “escrever”, “viver” e “se ver”, tendo como fundamento a “fala de mulheres negras escravizadas que tinham de contar suas histórias para a casa-grande”, ou seja, tem como pressuposto “a autoria de mulheres negras, que já são donas da escrita, borrando essa imagem do passado, das africanas que tinham de contar a história para ninar os da casa-grande”²¹. Portanto, a escrevivência constitui-se como ato político de mulheres negras para mulheres negras, que se apoderam subvertendo desde a escrita, e da escrita de si, histórias que “não são feitas para ninar os da casa grande”. Muito pelo contrário, as escrevivências são processos encharcados pela singularidade e pelo agenciamento coletivo de vozes negras atravessadas pelo racismo, sexismo e classismo²², resistindo, escapando e se atrevido, para além do que estas opressões fizeram de nós.

A atrevidência, termo cunhado por Ademiel de Sant'Anna Junior²³, reúne os verbos atrever e viver como aposta expansiva do corpo, para além dos scripts orquestrados pelo racismo e pelo contraditório jogo da colonialidade. Para o autor, os exercícios de atrevidência constituem vocalidades que escorrem do corpo, afirmando, no encontro coletivo de vozes, atos políticos que também são poéticas. Ou seja, é no atrevimento do corpo em encontro com corpos que se torna possível afirmar em gira, transgressões de sentidos por onde escapam vozes e gestos ancestrais que existem

²⁰ OLIVEIRA, Luiz H. S. Escrevivências: rastros biográficos em Becos da memória, de Conceição Evaristo. Terra roxa e outras terras – Revista de Estudos Literários. v.17-B, p. 85-94, 2009. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/terraroxa/article/view/25008/18332>>. Acesso em: 05 de fevereiro de 2018.

²¹ EVARISTO, Conceição. *A escrevivência serve também para as pessoas pensarem*. [Entrevista cedida a] Tayrine Santana, Itaú Social, e Alecsandra Zapparoli, Rede Galápagos, São Paulo: Dez perguntas para, 9 Nov. 2020. Disponível em: <<https://www.itausocial.org.br/noticias/conceicao-evaristo-a-escrevivencia-serve-tambem-para-as-pessoas-pensarem/>>. Acesso em: 18 de setembro de 2021.

²² EVARISTO, Conceição. *A “escrevivência” na literatura feminina de Conceição Evaristo*. [Entrevista cedida a] Bruno Barros. 14 min. 28s. Rio de Janeiro: TV PUC-Rio, 16 Mai. 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=z8C5ONvDoU8>. Acesso em 04 de junho de 2021.

²³ SANT'ANNA JUNIOR, Ademiel. Clinicar na transitividade: insurgências africanas descalças como relatos de experiências desde gestos – poéticas e políticas. In: ALVES, Míriam Cristiane; JESUS, Olorode Ògìyàn Káláfó Jayro Pereira de (Orgs.). *A Matriz Africana: epistemologias e metodologias negras, descolonias e antirracistas*. Porto Alegre: Rede Unida, 2020, pp. 133-146. Disponível em <<https://editora.redeunida.org.br/project/a-matriz-africana-epistemologias-e-metodologias-negras-descoloniais-e-antirracistas/>>. Acesso em: 19 de setembro de 2021.

porque cantamos, versemos e compomos enquanto reescrevemos linguagens a partir de nossas performances gestuais. Sendo assim, na existência preta as atrevivências são atos insurgentes, revolucionários, por onde afirmamos nossas bio-geo-grafias como experimentações intensivas que nos fazem relevo como “performances das oralituras”²⁴.

A oralitura de Leda Maria Martins, invoca as grafias do corpo, os vestígios esmaecidos que se tornaram segredos desde a violência transatlântica, mas resistem, escapando como performances insurgentes que conectam corpos negros na diáspora. Ao lançar mão da memória desde um repertório oral e corporal, a autora nos apresenta as performances da oralitura. Ou seja, a memória que se inscreve “como grafia pela letra escrita, articula-se assim ao campo e processo da visão mapeada pelo olhar, apreendido como janela do conhecimento”²⁵.

As conversações escritas e atrevidas em oralitura partem de narrativas de duas mulheres pretas que responderam ao questionário on-line da pesquisa Necropolítica e População Negra: problematizações sobre racismo e antirracismo e seus desdobramentos em tempos de pandemia e pós-pandemia da COVID-19, do Núcleo de Estudos e Pesquisas E'léékò, vinculado ao curso de Psicologia da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) e ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGPSI/UFRGS). As narrativas dessas mulheres foram ficcionadas e friccionadas com nossas memórias e histórias vividas e sentidas a partir de nossas corpos-pretas e corpo preto, enquanto autoras e autor do texto.

Ao longo do ensaio, apresentaremos fricções performadas em cenas por narrativas ficcionais que operam na tensão entre imaginários racistas e sexistas universalizantes, e na criação de novos imaginários sobre a existencialidade de mulheres pretas docentes universitárias na cena da COVID-19.

2. Conversações atrevidas por Oluwo Windele

²⁴ MARTINS, Leda. Afrografias da memória: o Reinado do Rosário no Jatobá. São Paulo: Perspectiva; Belo Horizonte: Mazza Edições, 2021.

²⁵ MARTINS, Leda. *Performances da oralitura*: corpo, lugar da memória. Letras, Santa Maria, 2003, n. 26, p. 63-81. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/11881/7308>>. Acesso em 16 de maio de 2021, p. 64.

Na cena, Oluwo Windele. Mulher preta, daquele preto que se esconde numa linda noite sem lua. Preta retinta de sorriso largo, com olhar profundo que se expressa na maturidade dos seus 40 anos. Quanto à orientação sexual, até o momento, nomeia-se heterossexual e inicia a produção de novos imaginários sobre a sua sexualidade ao problematizar a cisheterononormatividade. Por vezes, imagina-se tocando e friccionando a sua corpa com a corpa de uma colega, também professora preta universitária, mas de outra instituição, e que se autodefine como bissexual.

Assistente social, com muito orgulho, Oluwo Windele tem mestrado concluído, marcando a sua segunda coroação nessa universidade branca, já que a primeira foi a conclusão da graduação. Teve uma caminhada longa e repleta de obstáculos, mas continua pisando firme nesse espaço que também é seu, é nosso, de pretos e pretas. E, na universidade, continua comprometida com um fazer ciência desde o lugar político que a enuncia e a constitui. Em breve, virá a terceira coroação – o doutorado. Dizem que ela é daquelas em que a vida insiste em sinalizar que não pode ter tempo ruim. Mas esse imaginário universalizante a deixa cansada, com dor na alma e sem a impossibilidade de ser cuidada por alguém. É professora em uma universidade pública, no estado do Rio Grande do Sul. Desde o início da pandemia, está em trabalho remoto – uma novidade que se impôs com o infortúnio da pandemia da COVID-19.

Em uma tarde fresca de primavera, ela se desloca da cozinha até o escritório construído para dar conta do home office em tempos de pandemia. Abre a tela do computador e entra na plataforma digital para participar de mais um grupo terapêutico composto somente por mulheres pretas amefricanas.

Oluwo Windele inicia sua conversação após a leitura pela mediadora do grupo de um texto da Audre Lorde:

“Quais são as palavras que você ainda não tem? O que você precisa dizer? Quais são as tiranias que você engole dia após dia e tenta tomar para si, até adoecer e morrer por causa delas, ainda em silêncio? Para algumas de vocês que estão aqui hoje, talvez eu seja a expressão de um dos seus medos. Porque sou mulher, sou negra, sou lésbica, porque sou quem eu sou - uma poeta negra guerreira fazendo o meu trabalho -, então pergunto: vocês têm feito o trabalho de vocês?”²⁶.

Boa tarde meninas! Nos últimos meses eu tenho me sentido sobrecarregada com as tarefas domésticas e o trabalho na universidade. Acho que uma das marcas que se inscrevem em minha corpa é aquela que chamam de “mãe solo”. Não sei se concordo

²⁶ LORDE, Audre. *Irmã Outsider*. ensaios e conferências. Belo Horizonte: Autêntica, 2020, p. 53.

muito com isso. Eu sou mãe. Simplesmente, mãe. Meu filho está com treze anos e eu nunca imaginei aprender tanto sobre gênero e orientação sexual com ele. Esse menino tem feito cada pergunta, e cada uma delas me faz questionar a minha própria sexualidade. Tenho muito orgulho dele, um jovem menino preto que não está amarrado aos ditames cisheteronormativos. Meu filho tem me feito pensar sobre o modo como a minha orientação sexual foi forjada, é muito doido tudo isso! Outro dia, eu sonhei que estava tocando, acariciando as pernas de uma colega professora. Depois disso, eu comecei a sonhar acordada, sabe aquela coisa de imaginário? Pois é, estou assim, muitos e novos imaginários... Mas, quando eu olho para a minha corpa, não vejo nada, somente trabalho doméstico e profissional.

Eu tenho andado um pouco cansada. Na verdade, eu estou exausta. Sinto um cansaço acumulado, pois tem sido difícil focar nas tarefas acadêmicas. As reuniões virtuais exaurem a mente e a corpa de maneira muito mais potencializada em comparação às reuniões presenciais das quais participava antes da pandemia. Há um acúmulo de atividades. Não há distinção entre o trabalho remoto e as tarefas domésticas. Outro dia, eu estava lendo um artigo sobre mulheres em home office durante a pandemia da COVID-19, escrito por Ana Lemos, Alane Barbosa e Priscila Monzato. As autoras, após entrevistarem quatorze mulheres, afirmam que todas elas relataram sobrecarga de trabalho aliada às exigências profissionais, às demandas com filhos e filhas e com as atividades domésticas²⁷. Ao ler esse texto, uma das questões nas quais fiquei pensando foi sobre nós, mulheres pretas. O home office durante a pandemia afeta igualmente mulheres brancas e pretas? Quais são os efeitos do home office na saúde mental, quando falamos em mulheres chefe de família como eu, como muitas aqui?

Além das atividades do trabalho e da casa, eu preciso auxiliar e tensionar para que meu filho faça as tarefas confusas da escola. Tem sido muito difícil manter uma rotina para o sono, o que aumenta o cansaço. Uma cena cotidiana é fazer comida com fones de ouvidos, tentando escutar a reunião de colegiado de curso em vídeo conferência e, de repente, ser acionada, precisar ligar a câmera e queimar a comida. A solução? Pedir comida pelo aplicativo. Vivo uma sensação de estar no limite, por ter que conciliar um doutorado, o trabalho na universidade, uma casa e uma maternidade

²⁷ LEMOS, Ana Heloísa da Costa; BARBOSA, Alane de Oliveira; MONZATO, Priscila Pinheiro. Mulheres em home office durante a pandemia da COVID-19 e as configurações do conflito trabalho-família. Revista de Administração de Empresas [online]. 2020, v. 60, n. 6, pp. 388-399. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0034-759020200603>>. Acesso em: 06 de outubro de 2021.

solo. Tenho medo de não conseguir e sentir o fracasso que o racismo já atribui às pessoas pretas. Vivendo na periferia, sempre ouvi a voz do fracasso me rondar. Tive uma infância muito pobre, com muitas faltas.

Se você me perguntasse quais são os meus maiores desafios nessa pandemia, para além de lidar com o medo de me contaminar e a insegurança, a resposta seria conviver com o medo do futuro. Futuro? Tudo isso tem sido bem difícil... Meus irmãos perderam o emprego e minha mãe tenta uma aposentadoria, enquanto eu me sinto soterrada pelas demandas das aulas remotas e pela necessidade de escuta e de resolução para questões da família. Vivo a angústia de estar em um país que tem como política o desprezo pela vida das pessoas. Saber que metade da população está desempregada e ter noção do quanto isso vai refletir nas condições de vida e perspectiva de futuro de jovens pretos e pretas, que são mais atingidos, é desolador. E, ao mesmo tempo, ter a certeza de que eu preciso me manter viva, pois a revolução depende disso. Depende de nossas corpas vivas!

Para me manter, resistir e continuar existindo, tenho buscado momentos de prazer. O cuidado comigo mesma acontece nas pequenas ações do cotidiano: tomar um banho quentinho, assistir a uma live com alguém que admiro intelectualmente, assistir séries, comer algo gostoso, sentir o solzinho no meu rosto ao lado do meu filho. Parece pouco, parece nada, mas é muito! Faço pequenos gestos para inscrever em minha corpa o prazer, o gozo de estar viva. Acompanhando Audre Lorde (2020), tenho pensado e exercido o autocuidado como autopreservação. Luto para me manter viva e este é o meu ato revolucionário.

Não tenho medo de dizer que tenho muito medo. Quanto mais informações se tem, quanto mais se estuda, mais difícil é manter a esperança neste modo de organização dessa sociedade capitalista, racista, sexista, LGBTIA+fóbica. Querem nossos corpos e corpas tombados. Estamos imersas em um Estado que dita quem deve viver e quem deve morrer, como assevera Achille Mbembe (2017). Uma morte concreta da herança colonial. Mas também tem aquela morte em vida, a morte do desejo, a mortificação da vida²⁸. Eu tenho lutado muito contra essa morte. Audre Lorde e bell hooks têm me ajudado nessa batalha. Para nós, pretas e pretos, não é somente a pandemia que nos ameaça, mas, sim, a pandemia potencializada pelo racismo – este que nos mata há mais de 500 anos.

²⁸ MBEMBE, Achille. *Políticas da Inimizade*. Lisboa: Antígona, 2017.

Mesmo diante de toda essa adversidade enlouquecedora, estamos aqui, em roda, neste “quilombo”²⁹ virtual, como espaço de luta e vida que performa a memória transatlântica de mulheres pretas amefricanas. Nesse espaço, entregamo-nos às conversações, contando e escrevendo histórias, nomeando e curando feridas, atuando e atrevendo na preservação de minha e nossas corpos, para mantê-las vivas e prontas para a revolução, seja ela na micropolítica, seja ela na macropolítica, na geopolítica...

3. Conversações atrevidas por Adenike

Em cena, Adenike. Mulher preta e lésbica de 56 anos, professora em uma universidade pública federal, natural do Pará. Seus pés e sua língua adoram saborear um bom tempero, seja sambando ou cozinhando. Adenike se movimenta com maestria em sua casa. Orgulhosa, sempre ostenta o seu quintal enorme e muito bem cuidado onde planta as suas ervas, temperos e flores. Vive partilhando mudinhas com suas vizinhas, que conhece desde criança. Filha de dona Zefinha, quituteira de mão cheia do bairro onde cresceu, foi de mãe que aprendeu a combinar os temperos e sabores, e é de mãe que aprendeu a cuidar. Sua companheira Odara, com quem convive há vinte e cinco anos, também partilha deste espaço de cuidado com Adenike e, desde 2016, as duas se tornaram mães de Lélia e Zeca (esta história lindíssima do encontro entre Adenike e Odara, Zeca e Lélia contaremos em outro momento). Por hora, Adenike lida com a sua recuperação pós-contaminação pelo novo coronavírus. Experiência partilhada no grupo de conversação e autocuidado de mulheres pretas amefricanas na pandemia, que participa com Oluwo Windele, amiga íntima de sua companheira Odara. Este grupo é um espaço importante para a produção de saúde na atual pandemia.

Oi, gente! Sou Adenike. Preciso partilhar com vocês o que estou sentindo, senão vou explodir. As histórias e experiência de Oluwo Windele me emocionam, me apertam o peito, minha corpa estremece. É incrível o quanto as nossas histórias singulares fazem esta correspondência afetiva e coletiva. Quando eu escuto vocês, é como se todas

²⁹ NASCIMENTO, Beatriz. *Ôrí*. Direção de Raquel Gerber. Produção: Estelar Produções Cinematográficas e Culturais Ltda, 1989. 131 min. Disponível em: <<https://negrasoulblog.wordpress.com/2016/08/25/309/>>. Acesso em: 20 de junho de 2021; NASCIMENTO, Beatriz. *Uma história feita por mãos negras*. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

nós morássemos no mesmo quintal. Eu me escutava e me via enquanto escutava e via Oluwo. Tô pra te dizer, hein. Faz muito sentido que Audre Lorde³⁰ nos chame de “Irmãs Outsider”, né? Você é minha irmã preta amefricana Oluwo, todas somos irmãs. Eu me sinto muito acolhida nesse espaço de conversações atrevidas. Aqui, nos atrevemos a dizer, nomear, enunciar, viver a expansão de nossa corpa sem o julgo da colonialidade do poder³¹, da colonialidade do saber³², da colonialidade do ser³³, da colonialidade do gênero³⁴ e da colonialidade da sexualidade³⁵.

Nomear estes “exercícios de atrevência”³⁶ que já escorrem por aqui, tem sido um grande desafio, mas mesmo que a colonialidade tente me furtrar de dizer o que penso, ou até mesmo tente impedir as nossas vocalidades de circularem, sempre existe algo que escapa, algo que escorre por aqui, algo que está sempre fugindo. É isto que são os exercícios de atrevência, não é? Aquela música que minha mãe cantava enquanto fazia o café, e eu nunca perguntei a origem, era assim:

Se eu te empresta o kilo você devolve?

Se eu te empresta o kilo você devolve?

Me chama a Tia Ciata e põe mais água, que angu é forte.

Comida quando é de uma é de todo povo e espanta a morte.

³⁰ LORDE, Audre. *Irmã Outsider*: ensaios e conferências. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

³¹ QUIJANO, Aníbal. Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina. In: LANDER, Edgardo. (Org.). *La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales. Perspectivas Latinoamericanas*. Buenos Aires: CLACSO, 2000. p.122-151.

³² LANDER, Edgardo. Ciências sociais: saberes coloniais e eurocêntricos. In: LANDER, Edgardo (Org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latinoamericanas. Colección Sur Sur*, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina, 2005, pp.8-23.

³³ MALDONADO-TORRES, Nelson. Sobre la colonialidad del ser: contribuciones al desarrollo de un concepto. In: CASTRO-GÓMEZ, S. et al (Orgs.). *El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global*. Bogotá: Siglo del Hombre Editores; Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos y Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar, 2007. p. 127-168.

³⁴ LUGONES, María. Heterosexualism and the Colonial/Modern Gender System. *Hypatia*, v. 22, n.1, p.186–209, 2007; LUGONES, María. Colonialidad y Género. *Tabula Rasa* [en línea]. Bogotá, Colombia, n. 9, p.73-101, jul.-dez. 2008. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=39600906>>. Acesso em: 11 fev. 2018.

³⁵ COSTA, Tatiane Borchardt da Costa; ALVES, Míriam Cristiane. Colonialidade da sexualidade: dos conceitos “Clássicos” ao pensamento crítico descolonial. In: ALVES, Míriam Cristiane; ALVES, Alcione Correa (Orgs.). *Epistemologias e metodologias negras, descoloniais e antirracistas*. Porto Alegre, RS: Rede UNIDA, 2020, pp.51-84. Disponível em: <<https://editora.redeunida.org.br/project/epistemologias-e-metodologias-negras-descoloniais-e-antirracistas/>>. Acesso em: 07 de outubro de 2021.

³⁶ SANT'ANNA JUNIOR, Ademiel. *Exercícios de Atrevência*. 2021. 114 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social e Institucional) – Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021.

Vocês escutam a força desse ritmo? Então, gente, é isso. Estes exercícios de atrevidência sempre estiveram por aqui. Estão neste cantarolar de minha mãe, que desde cedo me ensinava a partilhar o pouquinho que a gente tinha; estão na lágrima que escorre dos meus e dos seus olhos, Oluwo. Estas performances gingham na minha e na nossa voz, neste gesticular que é quase uma roda-dança no nosso quintal. E estas são as oralituras que performam de nossa corpa preta em fricção, fazendo-nos dançar. Sim, cada uma das mulheres pretas amefricanas presentes nesse quilombo virtual está dançando neste momento. Vozes que vão além deste maquinário tecnológico, vozes mulheres, vozes sujeitas.

E vocês sabem, né? Quase deixei de escutar estes ritmos. Aliás, nesta pandemia, a minha vida caminhava numa rotina muito pesada, parecia a canção arranhada e repetida de um disco que deixou de ser bom para mim. Não estava mais conseguindo dançar, esta tela quadrada do computador e do celular parecia me suprimir cada vez mais. Estava difícil prosseguir nesta pandemia, precisava de um toque. No início, o alívio do trabalho remoto em casa, sem o desespero das ruas congestionadas, depois o cansaço, sensação de esgotamento. Gente... Não estava conseguindo enxergar no escuro os sentidos para a minha existência. Os efeitos do trabalho remoto em minha saúde mental foram devastadores. Sem aviso, sem programação, somente a ausência total de espaço-tempo para o privado que, neste contexto, tornou-se público. Aquele clique do aplicativo, sons, vozes e pessoas a qualquer hora chamando, parecia que quebrava com todas as fronteiras que meu lar representava para mim. Minha intimidade estava visível, compartilhada pela tela do computador. Tinha que me preocupar até com isso... Um quadro bonito, uma estante com enfeites no fundo... Tudo parecia ter que ser calculado. Eu, hein! Que loucura tudo isso, gente! Estava exausta, esgotada. Oluwo eu ia...

Adenike faz silêncio enquanto chora. No grupo, um silêncio lacrimado se manteve. Oluwo respondia, assentindo com a cabeça em uma espécie de “estamos aqui”. Continuou Adenike a limpar suas lágrimas...

Passar por essa experiência inesperada só foi possível por meio das entrelaçadas neste grupo; pela poesia que emana de cada história contada e vivida. Sou muito fã de Audre Lorde³⁷, e ela enuncia que o lugar onde residem as nossas experiências

³⁷ LORDE, Audre. *Irmã Outsider*. ensaios e conferências. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

também é escuro, antigo e oculto e, com grande reserva de emoção, todas lutamos contra as forças da morte de um jeito ou de outro.

Então, peguei esse bicho, o tal coronavírus, entre o isolamento e a incerteza. Foram tempos terríveis, imaginem só, logo eu que cresci com os quitutes de minha mãe me ensinando a saborear a vida, perdi a aptidão sensível de sentir os cheiros e gostos das coisas... Foi ali a virada, quando eu matutei: “Não vou morrer para esse bicho, não”. Enquanto ouvia uma fala absurda desse genocida que foi eleito depois do golpe de estado que sofremos em 2016, associando a COVID-19 a uma gripezinha, pensava: “Esses bichos não vão me matar!”. E, assim, comecei a aguçar os meus sentidos para escutar os cantos e pulsações de vida que entravam pela janela de minha casa, em meio ao isolamento físico de vinte e oito dias. Em um momento – lá pelo quarto ou quinto dia - uma beija-flor veio até a minha janela, voando para frente e para trás. Ela ia e voltava, construindo um ninho. Gente, passei a acompanhar o trabalho dela e isso me ensinou tanto! Eu percebia que o ninho que ela construía era feito de migalhas e graminhas secas que ela achava nos lugares mais inusitados no quintal. Meu quintal foi ganhando um sentido tão lindo! E, nestes outros sentidos que aquele quintal ganhava, eu sentia que precisava achar outros sentidos em minha vida. Falei com Odara, minha companheira – que precisou dormir na sala durante todo este período de vinte e oito dias, só ia até a porta do quarto levar as refeições. Gente, preciso abrir este parêntese: a minha companheira foi incansável neste período, todos os dias escrevia um versinho e colocava embaixo da porta para eu melhorar. Só sobrevivi porque sabia que ela estava ali. Foi ela que me apresentou este grupo, onde poderia falar (sobre)vivências pós-contaminação pelo vírus. Foi o amor que tornou possível estar aqui hoje e permanecer na luta. Então, minhas irmãs, assim como a beija-flor construiu seus ninhos em nosso quintal, desejo que possamos achar escondidas os elementos necessários para construir os nossos ninhos, para descansarmos e permanecermos vivas. Um momento como este me ensina o “autocuidado” e a “autopreservação”³⁸ na prática, mas confesso que, quando olho em volta, toda esta rede de amor que construímos, tem sido menos difícil passar por tudo isso.

E tem mais: vocês acreditam que dou aula já há vinte anos em uma universidade e esta leitura da vida e do mundo nunca me foi apresentada antes?! Sempre aquele

³⁸ LORDE, Audre. *Irmã Outsider*. ensaios e conferências. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

mesmo disco arranhado. Antes de ser professora de enfermagem, sempre me considerei uma cuidadora nata e, para mim, sempre foi muito fácil cuidar de alguém, mas as rotinas de plantão, mestrado e doutorado foram me fazendo achar “natural” não me cuidar. Me colocar no topo da minha lista?! Isso era comum para mim. No entanto, pela força dos encontros com este grupo, e pela militância de minha companheira, encontrei as vozes de mulheres como Audre Lorde, bell hooks, Conceição Evaristo, Lélia Gonzalez e tantas outras. O alimento para corpos pretos, como eu, é a experiência de outros corpos pretos em seu ativismo.

Sabe aquele sentimento de estar sendo egoísta por querer cuidar de si? Essa foi por muito tempo a minha “clareza” e o meu silêncio. Em nome dessa “clareza”, dava um lugar enorme para os meus próprios medos. Mas, hoje, eu tenho aprendido a invocar o meu próprio medo em palavras que, divididas, conseguem diluí-lo. Audre Lorde (2020) me ensinou que, de medo em medo do desprezo, da censura, do julgamento, de ser visível e de existir é preciso expressar a palavra, pois o meu silêncio não me protege de nada. Desde então, cuidar de mim tem sido libertador, tem sido um ato revolucionário, como diria bell hooks³⁹, quebrando com esta “clareza” e me ensinando a enxergar no escuro. Esta conversa já tá longa, né, povo? Mas, depois do que escutei de Oluwo, precisava me deixar escorrer de corpa inteira. E, nestas conversações atrevidas, fui tomada pelas provocações de uma bixa preta:

E se ao invés de só olhar, puder me atrever a enxergar no escuro? E se ao invés de só ouvir, puder me atrever a escutar cantos e pulsações? E se ao invés de só tocar e/ou pegar, puder me atrever a tatear? E se ao invés de só engolir ou cuspir, puder me atrever a saborear enquanto conheço novos gostos? Não deveriam ser estas as expressões da clínica e da pesquisa?⁴⁰

4. Clínica Política Feminista Antirracista: um porvir

Em seu quilombo virtual, Oluwo Windele e Adenike são tomadas pelo sentimento e necessidade de compartilhar o que pensam, contar histórias e, assim, vão se enunciando e autonomando na singularidade das atrevivências beija-flor, a voar para frente e para trás e, neste ritmo, constroem um ninho de autocuidado que se agencia

³⁹ hooks, bell. *Ensinando pensamento crítico: sabedoria prática*. São Paulo: Editora Elefante, 2020.

⁴⁰ SANT'ANNA JUNIOR, Ademiel. Clinicar na transitividade: insurgências amefricanas descalças como relatos de experiências desde gestos – poéticas e políticas. In: ALVES, Míriam Cristiane; JESUS, Olorode Ògìyàn Káláfó Jayro Pereira de (Orgs.). *A Matriz Africana: epistemologias e metodologias negras, descolonias e antirracistas*. Porto Alegre: Rede Unida, 2020, pp. 133-146. Disponível em <https://editora.redeunida.org.br/project/a-matriz-africana-epistemologias-e-metodologias-negras-descoloniais-e-antirracistas/>. Acesso em 19 de setembro de 2021, p. 143.

e se expande no coletivo. Foram muitos sentidos revelados neste quintal, não? O que cai bem para você? Elas apostam em atreviver com as palavras e sentires que sacodem a corpa preta; escrever histórias, causos em letras vivas que performam grafias e poesias: “Para as mulheres, então, a poesia não é luxo. É uma necessidade da nossa existência”⁴¹.

O que a poesia preta tem a ver com clínica política? Poesia como existência? A que Audre nos convoca? Nas palavras da autora, a poesia “cria o tipo de luz sob a qual baseamos nossas esperanças e nossos sonhos de sobrevivência e mudança, primeiro como linguagem, depois como ideia, e então como ação mais tangível”⁴². As conversações atrevidas dessas mulheres pretas amefricanas emanam poesia. Poesia da vida! Poesia do vivido que sempre esteve presente na corpa de cada uma. Elas mudaram! Mudaram o foco! Colocaram-se de pé nas encruzilhadas, fazendo novas opções. Amores, filhas, filhos, casa, trabalho e universidade sentiram o abalo da corpa preta atrevida que nasce em cada mulher preta amefricana. O medo aparece, mas desaparece na ação, incomodado com a nova roupagem. Conversações que movimentam essas mulheres para o sensível, tocando a garganta, invocando a persistência para quebrar o silêncio e, conseqüentemente, os medos:

À medida que os conhecemos e os aceitamos, nossos sentimentos, e o ato de explorá-lo com honestidade, se tornam santuários e campos férteis para as ideias mais radicais e ousadas. Eles se tornam um abrigo para aquela divergência tão necessária à mudança e à formulação de qualquer ação significativa. Agora mesmo, eu poderia citar dez ideias que consideraria intoleráveis ou incompreensíveis e assustadoras a menos que viessem de sonhos e de poemas. Isso não é mero devaneio, mas sim um olhar atento ao verdadeiro significado de ‘isso me cai bem’⁴³.

O conhecimento emerge no quilombo virtual, afinal, ele está aí, no mundo, e não se limita ao espaço acadêmico colonizado. Preocupações sobre as desigualdades, o racismo, o sexismo, o aumento da pobreza e do desemprego, a existencialidade preta amefricana, questões que, inevitavelmente, tornam-se alvo da luta dessas mulheres. O que podemos fazer nestes espaços sacralizados de saber para mudar a realidade? Em Audre Lorde, novamente, elas secam as suas lágrimas – são as diferenças mútuas.

⁴¹ LORDE, Audre. *Irmã Outsider*. ensaios e conferências. Belo Horizonte: Autêntica, 2020, p. 47.

⁴² *Ibidem*.

⁴³ *Ibidem*.

Um futuro indizível está à frente de cada mulher preta amefricana. No entanto, elas sabem que não estão sós. O que é produzido no quilombo virtual reverbera na casa, no trabalho e as pessoas vão reagindo às emergências. Já disse Angela Davis, em uma de suas visitas ao Brasil: “Quando a mulher negra se movimenta, toda a estrutura da sociedade se movimenta com ela”⁴⁴. Nas experiências da vida cotidiana, com todas as suas dúvidas, preocupações, medos, histórias, amores e afetos, mulheres pretas amefricanas transitam e, em conversação, transformam em palavras, em poesia, em linguagem, em ideias, em revolução os seus devires beija-flor. Seria esta uma pista para a tal Clínica Política Feminista Antirracista?

- Minhas irmãs, nós que estamos aqui, somos todas corpas pretas revolucionárias. Às vezes!

Referências bibliográficas

COSTA, Tatiane Borchardt da Costa; ALVES, Míriam Cristiane. Colonialidade da sexualidade: dos conceitos “Clássicos” ao pensamento crítico descolonial. In: ALVES, Míriam Cristiane; ALVES, Alcione Correa (Orgs.). Epistemologias e metodologias negras, descoloniais e antirracistas. Porto Alegre, RS: Rede UNIDA, 2020, pp.51-84. Disponível em:

<<https://editora.redeunida.org.br/project/epistemologias-e-metodologias-negras-descoloniais-e-antirracistas/>>. Acesso em: 07 de outubro de 2021.

EVARISTO, Conceição. A “escrevivência” na literatura feminina de Conceição Evaristo. [Entrevista cedida a] Bruno Barros. 14 min. 28s. Rio de Janeiro: TV PUC-Rio, 16 Mai. 2017. Disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=z8C5ONvDoU8>>. Acesso em 04 de junho de 2021.

EVARISTO, Conceição. A escrevivência serve também para as pessoas pensarem. [Entrevista cedida a] Tayrine Santana, Itaú Social, e Alecsandra Zapparoli, Rede Galápagos, São Paulo: Dez perguntas para, 9 Nov. 2020. Disponível em:

<<https://www.itausocial.org.br/noticias/conceicao-evaristo-a-escrevivencia-serve-tambem-para-as-pessoas-pensarem/>>. Acesso em: 18 de setembro de 2021.

GONZALEZ, Lélia. A categoria político-cultural da Amefricanidade. In: GONZALEZ, Lélia. Primavera para as rosas negras: Lélia Gonzalez em primeira pessoa. Diáspora Africana: Editora Filhos da África. 1988/2018, pp. 321-334.

⁴⁴ Ver: ALVES, Alê. “Quando a mulher negra se movimenta, toda a estrutura da sociedade se movimenta com ela”. *El País*, São Paulo, 27 jul. 2017. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/166-sem-categoria/570053-quando-a-mulher-negra-se-movimenta-toda-a-estrutura-da-sociedade-se-movimenta-com-ela>>. Acesso em: 16 de outubro de 2021.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: GONZALEZ, Lélia. Primavera para as rosas negras: Lélia Gonzalez em primeira pessoa. Diáspora Africana: Editora Filhos da África. 1980/2018, pp. 190-214.

hooks, bell. Ensinando pensamento crítico: sabedoria prática. São Paulo: Editora Elefante, 2020.

KILOMBA, Grada. Memórias da plantação – Episódios de racismo cotidiano. Trad. Jess Oliveira. 1. Ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LANDER, Edgardo. Ciências sociais: saberes coloniais e eurocêntricos. In: LANDER, Edgardo (Org.). A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latinoamericanas. Colección Sur Sur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina, 2005, pp.8-23.

LE MOS, Ana Heloísa da Costa; BARBOSA, Alane de Oliveira; MONZATO, Priscila Pinheiro. Mulheres em home office durante a pandemia da COVID-19 e as configurações do conflito trabalho-família. Revista de Administração de Empresas [online]. 2020, v. 60, n. 6, pp. 388-399. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0034-759020200603>>. Acesso em: 06 de outubro de 2021.

LORDE, Audre. Irmã Outsider: ensaios e conferências. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

LUGONES, María. Heterosexualism and the Colonial/Modern Gender System. Hypatia, v. 22, n.1, p.186–209, 2007.

LUGONES, María. Colonialidad y Género. Tabula Rasa [en línea]. Bogotá, Colombia, n. 9, p.73-101, jul.-dez. 2008. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=39600906>>. Acesso em: 11 fev. 2018.

MALDONADO-TORRES, Nelson. Sobre la colonialidad del ser: contribuciones al desarrollo de un concepto. In: CASTRO-GÓMEZ, S. et al (Orgs.). El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global. Bogotá: Siglo del Hombre Editores; Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos y Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar, 2007. p. 127-168.

MARTINS, Leda. O Feminino Corpo da Negrura. Revista de Estudos de Literatura, Belo Horizonte, v. 4, p. 111 - 121, 1996.

MARTINS, Leda. Performances da oralitura: corpo, lugar da memória. Letras, Santa Maria, 2003, n. 26, p. 63-81. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/11881/7308>>. Acesso em: 16 de maio de 2021.

MARTINS, Leda. Afrografias da memória: o Reinado do Rosário no Jatobá. São Paulo: Perspectiva; Belo Horizonte: Mazza Edições, 2021.

MBEMBE, Achille. Políticas da Inimizade. Lisboa: Antígona, 2017.

NASCIMENTO, Beatriz. Ôrí. Direção de Raquel Gerber. Produção: Estelar Produções Cinematográficas e Culturais Ltda, 1989. 131 min. Disponível em: <<https://negrasoulblog.wordpress.com/2016/08/25/309/>>. Acesso em: 20 de junho de 2021.

NASCIMENTO, Beatriz. Uma história feita por mãos negras. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

OLIVEIRA, Luiz H. S. Escrevivências: rastros biográficos em Becos da memória, de Conceição Evaristo. Terra roxa e outras terras – Revista de Estudos Literários. v.17-B, p. 85-94, 2009. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/terraroixa/article/view/25008/18332>>. Acesso em: 05 de fevereiro de 2018.

PORTILHO, Kaká. Prefácio. In: ALVES, Míriam Cristiane; JESUS, Olorode Ògìyàn Kálàfó Jayro Pereira de (Orgs.). A Matriz Africana: epistemologias e metodologias negras, descolonias e antirracistas. Porto Alegre: Rede Unida, 2020, pp. 9-13. Disponível em: <<https://editora.redeunida.org.br/project/a-matriz-africana-epistemologias-e-metodologias-negras-descoloniais-e-antirracistas/>>. Acesso em: 20 de junho de 2021.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina. In: LANDER, Edgardo. (Org.). La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales. Perspectivas Latinoamericanas. Buenos Aires: CLACSO, 2000. p.122-151.

SANT'ANNA JUNIOR, Ademiel. Clinicar na transitividade: insurgências amefricanas descalças como relatos de experiências desde gestos – poéticas e políticas. In: ALVES, Míriam Cristiane; JESUS, Olorode Ògìyàn Kálàfó Jayro Pereira de (Orgs.). A Matriz Africana: epistemologias e metodologias negras, descolonias e antirracistas. Porto Alegre: Rede Unida, 2020, pp. 133-146. Disponível em <<https://editora.redeunida.org.br/project/a-matriz-africana-epistemologias-e-metodologias-negras-descoloniais-e-antirracistas/>>. Acesso em: 19 de setembro de 2021.

SANT'ANNA JUNIOR, Ademiel. Exercícios de Atrevivência. 2021. 114 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social e Institucional) – Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021.